

AS VIAGENS E O DISCURSO AUTOBIOGRÁFICO DE NÍSIA FLORESTA

Constância Lima Duarte (UFMG/CNPq)

RESUMO

Nos livros em que registrou suas viagens pela Europa, Nísia Floresta deixou também, ao lado de reflexões sobre as novas culturas, depoimentos importantes da própria vida. Aliás, praticamente tudo o que se sabe hoje sobre a autora foi encontrado em seus livros, independente deles serem poemas, romances, crônicas ou ensaios, tal o caráter autobiográfico de sua obra. Para este momento, tratarei de um dos livros de viagem: o *Itinerário de uma viagem à Alemanha*, escrito em francês e publicado em Paris, em 1857. Em seu relato, Nísia Floresta vai privilegiar não a história da cidade que visita, mas a própria subjetividade, ou seja, as emoções que os objetos e os lugares lhe despertam. Através da memória, ela busca reminiscências da infância, ou vai ao encontro de familiares distantes, estejam eles vivos ou não, como forma de novamente re-viver momentos de felicidade. A narradora se coloca no centro da escritura, se auto contempla romanticamente, e tudo o mais parece girar à sua volta.

PALAVRAS-CHAVE: narrativa de viagem – autobiografia – Nísia Floresta

Quando iniciei a pesquisa sobre a vida e a obra de Nísia Floresta (1810-1885), ainda em meados da década de 1980, pouco se sabia a respeito da escritora. Praticamente, apenas o que antigos dicionários biobibliográficos registraram, e uns poucos artigos repetiam, desdobrando-se em elogios à mulher “mais ilustre de nossas letras”, sem nenhum conhecimento mais objetivo de sua obra.

À medida que a pesquisa avançava, e encontrava seus livros, num total de quinze títulos, escritos em português, francês e italiano, e também os poemas, crônicas e contos dispersos em jornais do país, me dei conta de que, ao conhecer a obra intelectual da autora, estava conhecendo também a sua história de vida. Nísia Floresta, por introduzir sistematicamente informações de cunho biográfico em sua obra, é daquele tipo de ficcionista que faz da forma autobiográfica de expressão um traço inerente de seu processo criativo.

Por isso, ao final da leitura de qualquer um de seus livros é possível ter, diante de nós, uma imagem da escritora, ainda que seja a que ela construiu para merecer a admiração do leitor. Assim, não importa se consideramos o poema indianista intitulado *A lágrima de um Caeté* (1849), ou os textos em prosa, como *Conselhos à minha filha* (1842) e *Discurso às educandas do Colégio Augusto* (1847), ou os contos, como *Fany, o modelo das donzelas* (1847) e “Páginas de uma vida obscura”, ou os ensaios, como o *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (1832) e *Opúsculo humanitário* (1853); em qualquer um deles é possível observar a hábil fusão que ela realiza entre o biográfico e o ficcional. E por vezes o componente autobiográfico é tão evidente que a gente se pergunta onde começa a ficção e onde se acha a realidade, pois obra e vida apresentam uma estreita relação de semelhança e dependência. A consequência, como não podia deixar de ser, é o embaralhamento entre real e imaginário, cujas linhas limítrofes são por vezes tão tênues, que confundem ainda hoje os leitores.

Para quem não a conhece, lembro que Nísia Floresta nasceu no interior do Rio Grande do Norte há quase duzentos anos, em 1810, com o nome de Dionísia Gonçalves Pinto, que residiu em Pernambuco, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro antes de se mudar para a Europa, em 1849, e passar anos viajando pelo Velho Mundo, residindo ora em Lisboa, em Londres, Roma, Florença, Nice e Paris, até falecer, em 1885, em

Rouen. Nísia foi, com certeza, uma das primeiras mulheres no Brasil a romper os limites do espaço privado e a publicar textos na grande imprensa, pois, desde 1830, seu nome era uma presença constante em periódicos nacionais, tratando de questões polêmicas, como o direito das mulheres, índios e escravos a uma vida digna e respeitável.

E ao romper os estreitos limites então reservados às mulheres, Nísia parece ter rompido também o compromisso com o privado, pois sistematicamente torna públicos inúmeros episódios de sua vida pessoal. Em alguns textos fala explicitamente de si mesma, de sua infância, do companheiro falecido precocemente, das saudades da pátria e dos familiares. Em outros, trata de si e dos seus de forma oblíqua, que soa enigmática para os leitores que não a conhecem. Mais de um crítico, aliás, apontou para a existência de frases que ‘não fariam sentido’ em alguns livros, como um ‘defeito’ de sua escritura, porque a autora parecia escrever para um público restrito, a quem não era preciso explicar muito. Um exemplo poderiam ser as expressões “fatídico 25 de agosto” e “mês da tríplice perda”, presentes em vários textos. Apenas os leitores mais familiarizados sabiam que seu companheiro Manuel Augusto havia falecido num 25 de agosto, e que, além dele, em outros dias, ela havia perdido também o pai e a mãe. Por isso, agosto tornou-se um ‘mês aziago’, que ela faz questão de registrar durante muitos anos e nos mais diferentes textos.

Detenho-me rapidamente em seus livros de viagens, pouco conhecidos do público brasileiro por terem sido escritos em língua estrangeira e permanecido muitas décadas esgotados. São eles: *Itinerário de uma viagem à Alemanha* e *Três anos na Itália, seguidos de uma viagem à Grécia*. O primeiro foi publicado em Paris, em francês, em 1857, e traduzido para o português somente em 1982. O segundo, também publicado em Paris, e em francês, em dois alentados volumes, em 1864 e em 1872, teve apenas o primeiro volume traduzido em 1998. Os dois livros guardam semelhanças entre si por conterem o relato e as impressões de uma viajante ilustrada, mas também diferenças significativas.

Itinerário de uma viagem à Alemanha trata da primeira excursão realizada por Nísia Floresta ao país de Goethe passando pela Bélgica e interior da França, de agosto a setembro de 1856. Na forma de uma correspondência dirigida ao filho e aos irmãos que residiam no Brasil, a narradora descreve os momentos mais marcantes da viagem, reiterando sempre as saudades e o quanto desejava fazer tal passeio com

toda a família e não só em companhia de Livia, a única filha presente. Assim, “o caro filho” e os “irmãos do coração” seriam os leitores implícitos destas cartas; escrevendo, ela cria a ilusão das suas presenças, auxiliada ainda pelas fotografias que traz consigo. Com tais artifícios, os entes queridos permanecem na lembrança e no papel, este último, o elo mágico que vai transportar suas emoções, o depositário concreto (e romântico) de seus pensamentos. A correspondência permite, então, a realização de outra viagem: aquela ao encontro dos familiares e, ao mesmo tempo, para dentro de si mesma. Num momento são eles que estão com a narradora; noutro, é ela que se transporta e se vê junto deles.

Ao todo, são trinta e quatro cartas escritas diariamente (apenas 4 de setembro não tem a carta correspondente), durante as cinco semanas de passeio por vinte e três cidades. A primeira é datada de Bruxelas, 26 de agosto, e, a última, de 30 de setembro de 1856, e foi escrita em Estrasburgo. Logo no início ela explica o trajeto escolhido – entrar na Alemanha pela Bélgica e sair por Kehl, para ir de Estrasburgo a Montbéliard – e as razões para realizar tal viagem: a aproximação do primeiro aniversário de morte da mãe havia tornado Paris “monótona e quase insuportável”. A viagem foi ainda motivada pelo desejo de conhecer outros países, de “ver uma terra-tipo”, e de fazer uma peregrinação ao túmulo “do venerável amigo, o sábio e bom Duvernoy”, falecido no ano anterior, quando ela ainda se encontrava no Brasil.

Era-me necessário percorrer novos países, neles haurir novas impressões, sob um horizonte mais amplo, em atmosfera mais livre e, conseqüentemente, mais consentâneas com minhas preferências. (1998, p.37)

Assim, a viagem cumprirá, a princípio, a função de um lenitivo para suas angústias e funcionará como remédio para a depressão que a dominava, desde a morte da mãe. É o sentimento de luto que a impulsiona para a viagem; mas é esta, por sua vez, que a conduz de volta à vida. São suas palavras: “Viajar, repito-lhes, é o meio mais seguro de aliviar o peso de uma grande dor que nos mina lentamente”. (1998, p.129)

E à medida que o roteiro avança, ela vai ficando menos melancólica, refere-se menos à mãe e aos familiares que deixou no Brasil, e deixa-se envolver pela movimentação normal da viagem. Ao final, reconhece seu poder restaurador:

Passando de paisagem em paisagem, de ruína em ruína e de cidade em cidade, nesta poética Alemanha, contemplando suas

magnificências naturais e artísticas, o espírito arrebatado pelo requinte da arte e pelos encantos da natureza ora risonha e garrida, ora austera e recatada, minh'alma se prosterna, cada dia, perante o gênio benfazejo que me inspirou a ideia de visitar essas terras e me deu a coragem de executá-las. (1998, p.165)

A autora refaz o percurso de Mme.de Stael, Victor Hugo e outros viajantes e, como eles, também revela suas *impressões*. Realiza assim o sonho de sua época de conhecer a “terra-modelo”, a terra de *Werther*, de Goethe; de *Os salteadores*, de Schiller; e, mais ainda, a terra do *Sturm und drang*, cujo fascínio sobre a imaginação romântica ainda não havia se esgotado. A narrativa no tempo presente tem a intenção de provocar no leitor a ilusão de uma escrita realizada no exato momento em que cada fato ocorria, como se as cartas fossem redigidas no “calor da emoção”. A narradora revela aqui e ali que fazia exatamente assim: registrava as anotações avulsas, para não perder a “impressão” do momento, apesar de haver dito anteriormente que escreveria apenas à noite, já no hotel.

Não tenho tempo disponível para lhes escrever a história de Bruxelas (do que, aliás, vocês não precisam) nem das cidades que vou percorrer; indicarei apenas o que mais me atrai a atenção e, à noite, lhes comunicarei minhas *impressões* do dia. (1998, p.43)

Contentem-se, portanto, com estas páginas espontâneas que continuarei a traçar-lhes, e que irão do velho ao novo mundo apresentar a vocês uma imagem grosseira, mas fiel, de minha alma, nesta primeira viagem à Alemanha. (1998, p.121)

E vai se colocando de tal forma no centro da narrativa, que tudo o mais parece girar à sua volta. O que realmente importa – para ela e, por consequência para os leitores –, vão ser as *emoções e as impressões* que sente diante do que vê ou do que ouve. Nísia não só seleciona o que vai contar, como explicita a maneira de fazê-lo: sua *emoção* diante dos acontecimentos funcionará quase como um filtro e só através dela conhecemos cada aspecto de sua viagem.

Na descrição de um passeio, por exemplo, a narradora parece recortar a paisagem e enquadrar apenas o que lhe interessa. E pode-se quase visualizar o quadro, tal a riqueza de detalhes e o emprego de expressões que se acrescentam, como *pinceladas* numa pintura.

Estes rochedos tocando as nuvens, estas montanhas, estes vales ataviados de verdura; estes bosques, ecoando o chilrear de mil pássaros diversos, que parecem festejar a presença do viajor em seu pacato deserto; o murmúrio docemente dolente de um modesto regato que timidamente vai misturar suas águas às do Reno soberbo; os passos rápidos da caça atemorizada que escapa; o silvo da brisa acariciando a folhagem e enviando-nos das circunvizinhanças o eco de mil contos fantásticos: tudo isto empresta um encanto indefinível à solidão destas paragens, e a alma fica em um êxtase, que a pena não pode exprimir. (198, p. 101)

Em cada cidade que chega, após um rápido passeio ou um ligeiro lançar de olhos, logo formula uma opinião quase sempre relacionada ao estado de espírito em que se encontra. Assim, dependendo do momento, a cidade pode lhe parecer triste, alegre ou monótona, numa clara projeção dos seus sentimentos íntimos sobre o lugar em que se encontra.

Mas, mais que o trajeto percorrido entre uma cidade e outra, este *Itinerário* conterà as diversas *viagens* que a narradora empreende ao mesmo tempo. A 'viagem propriamente dita', que configura o presente da narrativa, é feita através das aldeias, cidades e vilas, e nos é comunicada através das descrições que a narradora faz das paisagens, castelos ou igrejas que visita. Mesmo as informações mais prosaicas aí estão: meio de transporte utilizado, distâncias percorridas, preços dos bilhetes, qualidade dos hotéis, atropelos burocráticos de bagagens e alfândegas. Cito:

Deixamos hoje Aix-la-Chapelle, pelas três horas da tarde, depois de haver visitado ainda algumas curiosidades. Chegando aqui, desceremos no Hotel Clemente, cujo dono é casado com uma senhora agradável, que fala francês bastante bem. Tão logo ficamos instaladas em aprazível quarto no primeiro andar, de frente, dirigimo-nos a Deutz, aldeia do outro lado do Reno, que se comunica com Colônia através de uma ponte de barcos muito comprida. (1998, p. 79)

Mas o momento presente é apenas um ponto de partida, ou o estímulo para se alcançar o 'passado do lugar que visita'. A visão de um monumento, de uma estátua ou de uma praça, por exemplo, tem o poder de provocar na viajante a lembrança de um vulto histórico ou de uma guerra acontecida séculos antes, neste mesmo local. É a memória histórica e cultural que vem à tona, permeada de detalhes que a erudição da narradora nos informa. Uma terceira viagem realizar-se-á atra-

vés de ‘incursões para dentro de si mesma’, quando reflete a respeito do que está vivenciando ou se lembra dos parentes distantes. A narradora se autocontempla romanticamente e se faz espetáculo de si mesma (e dos leitores); busca conscientemente a solidão, preferindo sempre recantos junto aos bosques, à margem dos rios e lagos, onde melhor pode dar vazão à introspecção. É o momento intimista da meditação, quando o presente interior é revelado.

Aqui, como aí, a imagem de vocês se reflete em meus olhos sobre os lençóis argênteos e riscados de ouro pelo sulco dos barcos que contemplam na vasta ponte enegrecida, em cujo centro se eleva a velha e austera estátua avermelhada de Carlos Magno. A imaginação, faculdade benfazeja, triunfa sobre a distância que nos separa, representando vocês, constantemente do meu lado, por toda parte a que dirijo meus passos. (1998, p. 117-18)

Talvez seja esta a ‘viagem’ mais importante, se se considera que é a que mais nostalgia provoca e a que permitirá à personagem elaborar analiticamente suas perdas e a própria solidão.

Quase me esquecia de tratar com vocês da impressão que, antes de deixar Stuttgart, produziu em mim a visão dos lagos que se acham nas proximidades da cidade. Os de meu país natal fizeram-se presentes a meu espírito com toda a poesia dos anos de minha infância. (1998, p.178)

Detive a marcha por alguns momentos nesses sítios em que a visão e o perfume das flores dos trópicos me embriagaram em doce devaneio: saí com a alma saciada de saudade. (1998, p.161)

Assim, neste *Itinerário* a narradora confunde-se com a autora, como aliás, já o disse, ocorre em quase todos os livros de Nísia Floresta, e em nenhum momento esconde a condição biográfica de sua escritura. Ao contrário, revela-a com informações precisas de sua vida, como o nome dos filhos e irmãos, as datas de morte da mãe e do esposo, além de outras referências passíveis de serem checadas em sua biografia. Nísia estabelece, assim, com o leitor, o “pacto autobiográfico”, ao revelar a identidade comum entre a autora das cartas (do livro) e a personagem principal – a narradora –, que conta sua experiência de viajante. (LEJEUNE, 1975, p.33)¹.

Em *Três anos na Itália, seguido de uma viagem à Grécia*, ocorre semelhante. Através desta obra, mais uma vez Nísia Floresta se inscreve em um dos gêneros literários mais em voga na Europa daquela épo-

ca. E mais: inscreve seu nome no rico e numeroso repertório de narrativas sobre a Itália, que ora surgiam no formato de cartas (como ela havia feito na viagem à Alemanha), ora no formato de diários, memórias, confissões ou crônicas.

Em *Três anos na Itália* – talvez por ser mais extenso, e tratar de uma viagem mais longa – Nísia Floresta utiliza não apenas uma, mas várias destas modalidades, ao iniciar seu texto como um *diário de viagem* e terminar o segundo volume como uma *crônica histórica*. Opera ainda neste texto uma singular fusão entre as duas formas de diário, “o de viagem” e o “diário íntimo”, além de guardar uma semelhança com o *gênero epistolar*, quando se dirige a outra pessoa. Mesmo no diário, aqui e ali surge um vocativo que se refere à pessoa com quem a narradora dialoga (ou ‘monologa’), que tanto pode ser alguém de seu relacionamento, como um personagem histórico, uma cidade, um país, um cidadão de algum lugar.

Esta oscilação entre ‘diário íntimo’, ‘diário de viagem’ e ‘carta’ é mais uma marca da narrativa desta escritora que parece não conseguir tratar um tema sem se colocar no centro da questão. E esta subjetividade poderosa também vai estar presente neste texto, pontuando-o com reflexões, opiniões e, principalmente, com referências à sua vida particular.

Outro ponto alto do livro é o diálogo que ela promove entre seu relato com outros, principalmente de Byron, Goethe e Mme. de Stael, citando-os e comentando os pontos comuns entre sua experiência ou opinião, e as deles. Nísia Floresta, portanto, não realizará apenas *mais um* relato de viagem à Itália, nem fará eco às descrições de “terra de sonhos e fantasia”, que vivia de glórias passadas, dos mitos e reminiscências históricas. A inovação de Nísia consistirá, principalmente, na abordagem sensível que faz do tempo presente italiano. O passado é importante sim, mas enquanto referência para se compreender e valorizar o momento presente. Da mesma forma ela age com relação à Grécia: apesar de as fantásticas ruínas estarem diante de seus olhos, não deixa de observar como os jovens se comportavam e de se inteirar da situação política, social e cultural do país. O exemplo que devia ter em mente, ao escrever seu livro, com certeza era o de Byron, que repudiou a dominação estrangeira em solo italiano e se engajou nas lutas pela libertação do povo grego.

O povo sempre me interessou muito. Gosto de, por toda parte, estudar suas virtudes e seus esforços na luta mais ou menos enérgica,

mais ou menos contida contra a tirania que o esmaga ou contra a hipocrisia que busca desnaturalizá-lo e aviltá-lo. Também não fico indiferente em ver de perto a fisionomia do chefe da nação que visito e cujos traços, apesar da máscara que sempre carrega, permitem, às vezes, ler os sentimentos que o fazem agir para com os homens que governa. (1998b, p.195)

Não é, portanto, apenas uma turista que aí está, mas uma mulher portadora de uma consciência liberal, cuja experiência é um passado de luta contra o preconceito e as injustiças sociais. Nisia Floresta, é bom lembrar, desde a infância conviveu com fases revolucionárias em que se defendiam propostas liberais (em 1817 e 1824, em Pernambuco; de 1835 a 1838, com a Farroupilha, em Porto Alegre; e em 1848, com a Revolução Praieira, também em Pernambuco). Esses movimentos provocaram as inúmeras mudanças de domicílio ao longo de sua vida. Também é significativo o fato de ela já conhecer Garibaldi desde a época em que residia no sul do Brasil, por ocasião da Farroupilha. Isto vem tornar mais elucidativo seu entusiasmo pelo revolucionário italiano, quando ele toma a frente dos combates.

Por todas essas razões, o relato nisiano tinha que ser diferente. As sucessivas derrotas liberais que presenciou marcaram seu olhar com uma outra sensibilidade, permitindo que ela visse tais momentos singulares, de forma bem diversa da que foi vista pelos europeus. A autora tinha o olhar atento para a história da opressão, cujas ruínas à sua volta eram apenas um referente. A simbiose entre o autobiográfico e a narrativa de viagem contribuirá para tornar o seu relato um texto ímpar, diverso dos conhecidos até então.

Naturalmente, a escritora não escapa dos grandes temas e beira o lugar-comum ao fazer, como todos, a descrição de sua chegada em Roma, a primeira impressão da cidade; o encanto por Veneza, a emoção diante do Vesúvio, de Pompéia ou do túmulo de Tasso. Em Ferrara, onde o poeta havia sido encarcerado, ela registra os viajantes ilustres que a precederam, consciente, ainda assim, do pioneirismo de seu gesto:

Onde tantos grandes gênios, tais como Goethe, Byron, C. Delavigne e Lamartine vieram entreter-se com a sombra lastimosa do sublime cantor da *Jerusalém Libertada*! A minha pobre pena nada poderia acrescentar. Mas uma lágrima sinceramente derramada nunca é demais para uma grande desgraça e essa lágrima foi, sem dúvida, a primeira derramada por uma mulher brasileira na prisão de Tasso. (1998b, p. 348)

Destaco também, em *Três anos na Itália*, alguns níveis narrativos: o primeiro refere-se à viagem propriamente dita, e contém as informações sobre cada cidade, os deslocamentos, contratempos, passeios, festas populares, enfim, o conjunto de pormenores que preenchem cada instante presente da viagem. Temos, aí, as descrições dos lugares visitados, o registro da população, a importância política, econômica e cultural para a região. Merece destaque, por exemplo, o relato que faz da Semana Santa em Roma, o fausto da Capela Sistina, da Basílica de São Pedro, a multidão de viajantes, o Capitólio, a audiência com o papa Pio IX. Ou, ainda, a descrição de sua visita às casas de Dante, de Boccaccio e de outros poetas; às bibliotecas; aos museus; às instituições de caridade; às escolas e universidades.

O segundo nível contém a incursão que realiza em seu interior, seja em busca de lembranças de um passado familiar, seja nos instantes em que se isola do presente exterior próximo e se refugia em experiências de caráter íntimo. É quando o relato de viagem transforma-se em *diário íntimo*, e a autora registra os pensamentos de caráter pessoal, os devaneios, a confissão de saudades dos parentes e da pátria ou a alegria pela chegada de notícias. Trata-se, portanto, do espaço narrativo em que se encontram informações nitidamente autobiográficas, como as lembranças de aniversários e morte dos entes queridos. Em cada uma destas “datas notáveis”, ela se recolhe e realiza uma meditação, transportando-se para um outro tempo e um outro espaço, como forma de se aproximar novamente dessas pessoas. Segundo a autora, os desabafos e confidências só encontrariam eco entre aqueles que, como ela própria, viajavam e estavam distantes da pátria e dos seres queridos, pois:

Somente para essas pessoas têm sentido as poucas linhas que acabam de escapar deste coração, hieróglifo indecifrável para o vulgo, que talvez me lerá indiferente a essas coisas emanadas do coração e que buscará nessas páginas somente a narrativa das coisas, tão repetidas por outros viajantes, com talento e um gosto formal refinado, que não pretendo exibir de maneira alguma. (1998b, p.181)

E há um último nível, o terceiro, que engloba a sua imersão pela História e literaturas latinas, com suas reflexões e tomadas de posição acerca dos acontecimentos político-sociais.

De qualquer modo, aqui os momentos autobiográficos são bem menos numerosos do que os que aparecem no livro anterior, em que relata a viagem à Alemanha e abriga lembranças de toda ordem. Em 10

de abril, por exemplo, ela recorda o dia em que partiu do Brasil para a Europa pela segunda vez. Refaz mentalmente as circunstâncias da partida, as despedidas no porto do Rio de Janeiro, pelo simples prazer de se lembrar do passado e referendar alguns momentos de sua vida: “retomei o voo para o velho mundo, onde procuro, em vão, através das viagens, adormentar a tristeza d’alma. E quanto mais se sucedem os dias, os meses e os anos, mais sinto o vazio que se faz em torno de mim.” (1998b, p.86)

Aqui e ali a *persona* da viajante-solitária aparece. Agora, tal uma ave de arribação, ela alçou voo, distanciou-se do ninho e em vão procura sossego e paz de espírito em outras plagas. Ao fazer de si e de sua vida personagens do texto, a narradora arrisca-se muitas vezes a passar uma imagem contraditória, tal a recorrência de algumas das suas *personae* e o modo pelo qual elas se apresentam em relação aos demais dados contidos na narrativa. Assim, ao mesmo tempo que cultiva a autoimagem de escritora-viajante e de mulher forte, que resiste às intempéries da vida e às fadigas dos passeios (como por ocasião da visita ao Vesúvio, em que os companheiros da excursão alugaram cavalos ou *portantinas* e ela vai a pé, apesar da subida íngreme e perigosa), cultiva também as imagens da mãe extremosa e dedicada, da viúva fiel que renunciou à felicidade e da brasileira saudosa da terra natal.

Para corresponder à imagem da mulher forte, utiliza alguns recursos: não perder de vista os parentes distantes, referindo-se constantemente a eles; assinalar sempre suas ausências (afinal são eles os leitores implícitos das cartas e do diário); apresentar-se sempre “dividida” entre o estrangeiro e a pátria, fazendo inúmeras referências à terra natal.

Ó pátria! pátria! exclamei do fundo da alma: ó meu filho bem amado, irmã, irmãos queridos, corações amorosos que lamentais a minha ausência, respirando as brisas perfumadas de nossa terra natal, a saudade cujo fardo esmagador eu carrego longe de vós excede a imensidão dessas alturas alpestres de onde meus pensamentos voam em vossa direção...

Aqueles que se amam não deveriam se separar. A vida é curta demais para se consumir uma parte dela nas angústias dos adeuses, nos sofrimentos, nas tristezas de uma ausência que se poderia evitar! Ausência! palavra terrível, verdadeiro caos onde o espírito se perde em tristes conjecturas, onde o coração sensível contém a custo as emoções.²

O momento mais expressivo desta instância autobiográfica poderia ser aquele em que a autora se entrega totalmente ao devaneio e, por alguns instantes, não controla a própria emoção. O clima se instala ao rememorar a partida do Rio de Janeiro, as despedidas, a paisagem carioca e culmina quando ela estabelece uma *comunicação* com o filho distante. O processo é semelhante ao utilizado em outro texto seu, intitulado *A viagem magnética*, quando, então, ela se transporta mentalmente para outro espaço, ao encontro das pessoas e paisagens que deseja rever.³ Aqui, é o filho que “surge” diante de si:

Uma imagem querida surge diante dos meus olhos! Estende-me os braços!...cai a meus joelhos! beija-me a mão e, enxugando-me as lágrimas, repete com aquela voz tocante, que tantas vezes me emocionou a alma inteira:

-Eis-me, mãe terna e bem-amada; eis-me aqui, para te consolar com minha querida irmãzinha e para não mais te abandonar. (1998, p.253)

Mas a realidade – através do relógio que bate à meia-noite – se impõe e o encanto termina. A narradora tem consciência da ilusão e, neste momento, *dona* sua imaginação: foi a imagem da mãe terna, triste e solitária que se manifestou. Também interessante é observar o deslocamento da *culpa* que este devaneio promove, da narradora para a figura do filho. Apesar de ter sido a autora quem se afastou espontaneamente da terra natal e dos parentes, neste momento é o filho que pede perdão por não estar com ela. O sentimento de culpa por estar longe durante tantos anos com certeza era o preço a ser pago pela viajante ilustrada.

Mas as referências à experiência pessoal ou ao caráter autobiográfico presente nos *Três anos na Itália* não chegam a comprometer o testemunho de época que o livro possui, pois não impediram o registro da *crônica política*, da *crítica cultural* e das reflexões sobre a *história* daquele país. Ao contrário, enriquece este mesmo testemunho na medida em que apresenta as reflexões e conclusões de uma viajante erudita, que conhece e admira o passado de lutas do povo italiano.

É nesse aspecto que reside a maior das diferenças entre este livro e o anterior. O autobiografismo aqui não se manifesta de forma individualista como se manifesta no *Itinerário*. É a autora que narra, mas ela ultrapassa as limitações de um *diário*, para se revelar quase uma *jornalista* ou uma *cronista* que faz a documentação das experiências de um

povo. A autora se inclui deliberadamente na trama do mundo e passa a fazer mesmo parte do espetáculo ao emitir opiniões, tomar partido ou vibrar com a vitória dos revoltosos.

Enfim, esta é Nísia Floresta. Uma brasileira de olhar viajante e reflexivo, sujeito periférico dotado de perspicácia e ousadia, que ousou dialogar de igual para igual com o discurso das metrópoles. Em sua trajetória de vida ela nada mais faz que ampliar os passos da jovem nordestina que um dia escreveu os *direitos das mulheres* brasileiras, anunciando, desde já, uma postura altiva e consciente de si mesma.

ABSTRACT

In the books in which she registered her trips through Europe, Nísia Floresta also registered, together with reflections on new cultures, important evidences of her own life. In fact, practically everything known of the author was found in her books, no matter whether they were poems, novels, chronicles or essays, such was the autobiographic character of her work. In this essay, I shall deal with one of her travel books: *O itinerário de uma viagem à Alemanha*, written in French and published in Paris, in 1857. In her report, Nísia Floresta highlights not the history of the city she is visiting, but her own subjectivity, or to put it better, the emotions that are released by the sight of the objects and the places. Through memory, she searches for the remains of her childhood, or goes in direction of distant relatives, whether they are alive or dead, as a means to relive moments of bliss. The narrator positions herself in the center of her writing, in a state of romantic self-contemplation, and everything seems to gravitate around herself.

KEY WORDS: travel narrative, autobiography, Nísia Floresta

REFERÊNCIAS

- DUARTE, Constância Lima, *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: Editora da UFRN, 1995.
- FLORESTA, Nísia, *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. Paris: E. Dentu, 1864, vol. I.
- _____. *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. Paris: E. Dentu, 1872, vol. II.
- _____. *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. Estudo e notas de Constância L. Duarte. São Paulo: Cortez Editora, 1988.
- _____. *Cintilações de uma alma brasileira*. Introdução Constância Lima Duarte. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.
- _____. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. Trad. Francisco das Chagas Pereira, Apresentação e notas biográficas Constância L. Duarte. 2 ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.
- _____. *Três anos na Itália, seguidos de uma viagem à Grécia*. Trad. Francisco das Chagas Pereira. Apresentação Constância L. Duarte. Natal: Editora da UFRN, 1998b.
- LEITE, Dante Moreira. *O Amor Romântico e outros temas*. 2 ed. ampliada. São Paulo: Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1979. (Coleção Ensaio, v. 7)
- LEJEUNE, Philippe. *Le Pacte Autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.
- _____. *Je est un autre; L' autobiographie, de la littérature aux médias*. Paris: Seuil, 1980.
- _____. Definir autobiografia. Trad. Paula Morão. In *ACT 8 Autobiografia. Auto-representação*. Org. Paula Morão. Lisboa: Edições Colibri, 2003.
- VIANNA, Lúcia Helena. *Poética feminista – poética da memória*. In site www.unb.br/ih/his/gefem/labrys4/textos/lucia1.htm (Acessado em 20 de agosto de 2005).

NOTAS

¹ Segundo Lejeune, “pacto autobiográfico” (ou “contrato de identidade”) é a afirmação no texto da identidade entre o nome do narrador, do personagem e o do autor.

² No original: “O patrie! patrie! me suis-je écriée du fond de l’âme: ô mon fils bien-aimé, soeur, frères chéris, coeurs aimants qui me regrettez tout en respirant les brises embaumées de notre sol natal, la saudade dont je porte le fardeau écrasant loin de vous excède l’immensité de ces hauteurs alpestres d’où mes pensées s’envolent vers vous...” (II, p. 85)

“Ceux qui s’aiment ne devraient jamais se quitter. La vie est trop courte pour qu’on en dépense une partie dans les angoisses desodieux, dans les peines, les chagrins d’une absence qu’on aurait pu éviter! Absence! mot terrible, véritable chaos ou l’esprit se perd dans de tristes conjectures, ou le coeur sensible contient avec effort les émotions...” (II, p. 109-10)

³ “Viagem magnética” é um dos textos que compõem o livro *Cintilações de uma alma brasileira*, publicado em Florença, em 1859, em italiano. Em 1997 foi finalmente traduzido e publicado no Brasil, pela Editora Mulheres, de Florianópolis, em primorosa edição bilingue.

Data de recebimento: 02 fevereiro 2009

Data de aprovação: 19 março 2009